

GÉNESE SEXUAL DA COMUNICAÇÃO: COMO A COMUNICAÇÃO DEPENDE DA SEXUALIDADE OU COMO SOMOS SEXUALMENTE COMUNICATIVOS

SEXUAL GENESIS OF COMMUNICATION: HOW COMMUNICATION DEPENDS ON SEXUALITY OR HOW WE ARE SEXUALLY COMMUNICATIVE

Carmen Inácio

Comunicadora

Submetido: 15 de junho de 2020

Aceito: 04 de outubro de 2020

Publicado: 17 de novembro de 2020

GÊNESE SEXUAL DA COMUNICAÇÃO: COMO A COMUNICAÇÃO DEPENDE DA SEXUALIDADE OU COMO SOMOS SEXUALMENTE COMUNICATIVOS

Carmen Inácio¹

Resumo: Este artigo é uma reflexão sobre a comunicação, de forma geral, e como isto pode estar conectado com as nossas experiências pessoais. Durante esta reflexão realizada em pleno estalar da pandemia do COVID-19, surgiu-me esta ideia (provocada e recalçada pelos caminhos da minha Vida, a que, nestes dias, venho, conseqüentemente, também, dedicando particular reflexão): a Sexualidade afeta a Comunicação. Este artigo é, portanto, uma contemplação sobre como a comunicação depende da sexualidade. De como somos sexualmente comunicativos. De como a sexualidade afeta o nosso Ser. De como isso se manifesta. Tacitamente.

Palavras-chave: sexualidade; comunicação; corpo; conhecimento; desenvolvimento.

SEXUAL GENESIS OF COMMUNICATION: HOW COMMUNICATION DEPENDS ON SEXUALITY OR HOW WE ARE SEXUALLY COMMUNICATIVE

Abstract: I was proposed to write about communication, possibly based on my experience. In reflecting on the accepted challenge, and in the midst of the rising of the COVID-19 pandemic, this idea came to me (provoked and repressed by the paths of my Life to which I have been consequently also dedicating my deepest thought): Sexuality affects Communication. This article is therefore a reflection on how communication depends on sexuality. How sexually communicative we are. How sexuality affects our Being. How it manifests. Tacitly.

Keywords: sexuality; communication; body; knowledge; development.

Disseram-me um dia

– não sei precisar quem, nem quando, mas não foi há mais de uma dúzia de anos –

que:

“A comunicação está diretamente relacionada com a sexualidade”.

¹ Comunicadora.
<https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.5.47>

Esta premissa foi-me oferecida era eu já profissional do ramo há mais de duas décadas.

E a lógica que lhe está inerente teve, em mim, o mesmo impacto que a lógica apresentada pela minha professora de Alemão,

– há coisa de trinta anos –

para explicar como a língua iria ser “fácil” de aprender.

Tinha os meus 15 anos. A idade das grandes descobertas,

– sobretudo sexuais, curiosamente! –

e da decisão tácita, desde sempre latente, de que,

– eu... já naquela altura... muito social –

acabaria por seguir pela comunicação, como via profissional.

Portanto, eu, comunicadora de profissão,

– mais do que jornalista –

com uma considerável experiência em vários ramos da área,

– menina da rádio, por onde comecei a contar “histórias” à hora certa...

(quase) as mesmas que continuo a ouvir hoje em dia, curiosamente, mas com nomes diferentes, exceção para a Covid-19, que é coisa nunca ouvida na Nossa História... (quer dizer, até é. E recente, se pensarmos bem: Ébola, HIV, peste bubónica, negra, suína, pneumónica, e por aí fora); também repórter de TV, com documentários à mistura; produtora em programas vários; anotadora; produtora de teatro, publicidade... enfim, tudo missões de fazer comunicar – tenho vindo, então, a refletir sobre o significado, diria, profundo, de – Eu – ter uma atividade... ligada à sexualidade!

Dependente da sexualidade.

– Sub-repticiamente –

condicionada pela sexualidade!

Pela minha sexualidade!

Esta epifania surgiu, também, furtivamente. Foi intuída, sem percepção clara do que estava a “ver”. Algo que foi crescendo em mim como a Luz das sensações cada vez menos recalcadas, mais encaradas.

– acho que também mais sofridas, curiosamente. E, curiosamente, também, de uma forma mais distante, mais... perspetivada! –

Enfim, a questão é que o intrincado

– sexualidade e comunicação –
tem vindo a operar, em mim.

De uma forma furtiva, às vezes. Como num sonho daqueles... reveladores. Que teima em repetir-se nas noites menos esperadas. Um *déjà vu*.

De forma mais (e)vidente, noutras. Como no perfume de um filho chegado pela primeira vez aos braços. Em encontros de Amor maravilhoso, intenso, profundo, que todos devem ter...

– Deveriam ter! –

Em encontros com a Natureza maravilhosa, que num pôr do sol sublime, numa igreja ou mesquita ou templo qualquer, num banho apetecido de Pacífico, no voo de uma andorinha, no canto repetido sete vezes de um Toke²... nos levam ao sagrado, nos deixam um rasto de sensações e Luz e energia que

– se eu deixar... e já experimentei –

perduram em mim. Se transformam numa remanescência de algo que eu vejo dentro da minha alma. Dentro da alma de todos. De toda a Vida. De todos os Seres.

O Amor.

Puro.

Esse Bem tão mal tratado, por ser (quase) sinónimo de sexualidade.

Fiz algumas reportagens sobre temas considerados “quentes”, sobretudo para o programa Bem-Estar, do já extinto Canal Saúde da Televisão por Cabo, quando isto “da cabo” começou a dar, em Portugal...

Claro que as reportagens que fiz durante cerca de quatro anos para a Rádio Renascença (RR), Emissora Católica Portuguesa, minha casa mãe nisto do jornalismo,

– mais do que da comunicação, tentarei demonstrar mais à frente –
distinto órgão de comunicação social, que, à época,
(antes do século XXI, ali na década de 90)

² O Toke (*Varanus timorensis*) é um réptil que pode atingir até 70 centímetros de comprimento. Na sua comunicação, o Toke produz repetidamente este mesmo som: “toke”. De acordo com a crença popular, quem ouve sete “toke” seguidos, num só chamamento de um Toke, tem ou terá sorte! Em 2010, foi “cara de selo” nacional, como se pode ver em <http://timor-leste.gov.tl/?p=4343&lang=pt>.

era campeã de audiências.

(Grande entrada, a minha, nisto do jornalismo!).

Mas, na RR, por mais “quentes” que pudessem ser, os temas congelavam ainda antes de chegar à redação, logo ali à entrada da

– para mim... e para muita gente, creio...ali mesmo por trás de onde nasceu o nosso grande Fernando Pessoa! –

mítica Rua Ivans.

Antes de chegar ao Chiado, já o “quente” tinha sido expurgado, esmagado pelo peso da Instituição...

Lembro-me da questão do aborto, da despenalização da prática do aborto... tema quente, quentíssimo!, que começou a ser aprofundado, debatido publicamente, em Portugal, já no virar do século, deste último milénio, já perto de 2000 (Alves et al., 2009; Monteiro, 2012).

– Procurando na Internet sobre a história da descriminalização da prática do aborto em Portugal, para verificar em que ponto da “novela” nos encontrávamos quando eu me sentava todos os dias aos microfones, no número 14 da Rua Ivans, para... comunicar notícias, confirmei que o primeiro referendo sobre esta “matéria” foi feito precisamente em 1998. O primeiro referendo realizado em Portugal! –

Importa perceber que até 1984, a prática do aborto era crime. Fosse por que motivo fosse. A Lei n.º 6/84 (Diário da República, 1984) introduziu a possibilidade de... vamos dizer as coisas como elas são: “introduziu” a possibilidade de a Mulher fazer aborto, mas apenas: em casos de absoluto perigo para a mulher;

– com minúscula, de tão minúsculas que estavam –

malformação do feto; e “violação”... sendo que esta era

– continua a ser –

coisa não fácil de evidenciar.

Em 1997, com a aprovação da Lei n.º 90/97 (Diário da República, 1997) os prazos para a Mulher poder fazer um aborto, nas exceções introduzidas em 1884, foram alargados.

Confere. Sentava-me já confortável na redação do palacete do Chiado para dizer as notícias no início do período quente de discussão sobre o aborto.

Encontrei também um trabalho³ interessante, de 2010, feito por alunos do 12.º ano (na tal idade das descobertas!).

Portanto, por alturas da segunda metade da última década do século passado, os “senhores” que fazem as notícias,

– não me refiro aos jornalistas, não senhor!, que esses apenas as contam... ou devem, pelo menos assim aprendi!, com excelentes professores, diga-se de passagem –

os “senhores” que fazem as notícias começaram, então, a trazer “o problema do aborto ilegal” para a luz do dia.

– Um problema grave, que custou já muitas Vidas. Desnecessariamente... Não só neste “quintal”, onde a situação está longe de ser positiva, mas por toda a “quinta”, que é a “nossa” Terra Mãe (Ministério da Saúde, 2018; Diário de Notícias, 2019). E a matança continua, para que conste! Refiro-me sobretudo às mulheres que são quem mais sofrem com tudo isto... vejam-se estatísticas publicadas pela Revista Exame, em maio de 2018, que referem que “dentro os 56 milhões de abortos registados no mundo entre os anos 2010 e 2017, 45% dos procedimentos aconteceram em más condições e 97% desses foram feitos em países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina” (Ruic, 2018). Mulheres que têm que (“que”, e não “de”, porque poderia/deveria ser de outra maneira!) recorrer a formas desesperadas e inumanas para cumprirem o que lhes vai no Livre-arbítrio... Não desvalorizando, nunca desvalorizando, as “estrelinhas”, que [através da sexualidade, lá está O tema!] são “chamadas” aqui à “quinta”... cumprindo (certamente, creio eu), também, um propósito... –

E os senhores que contam as histórias, claro,

– tão envolto em trevas! –

no cumprimento da obrigação do rigor e de... toda a cartilha concentrada na Lei de Imprensa (Diário da República, 1999) que rege os jornalistas, onde cabe, na mesma medida,

– dependendo do subjetivo, claro... –

a “garantia da liberdade” expressa no artigo 1.º e o “compromisso” do estatuto editorial incluído no artigo 17.º, da mesma Lei (Diário da República, 1999).

³ <https://abortosimounao.webnode.com.pt/aborto/etica%2c%20religi%3a3o%2c%20politica%20e%20aborto/>

Aqui se vê a inesgotável capacidade humana para se concentrar no seu – no de cada um: cerca de oito mil milhões, nestes dias – próprio umbigo.

– deveria ser mais abaixo: na sexualidade!... digo eu, na minha subjetividade da qual também não prescindo.

Durante muito tempo esta questão da “sexualidade” foi, então, sendo processada no meu cérebro com o filtro dos absurdos.

Como o Alemão, aos 15 anos.

Com a língua estrangeira, a questão foi simples de ultrapassar: tendo eu queda para a comunicação, tenho, naturalmente, apetência para línguas, e... depois de estranhar um bocadinho, a tal (i)lógica gramatical, entranhou. E até me saí bem, na nota.

Com a “sexualidade”, o que deveria ser logicamente natural revelou-se absurdamente estranho. Lembro-me de, criança ainda, no meu primeiro reinado de baloiços, para onde me escapava porque naqueles tempos podíamos, com o vestido lavado pela minha mãe, à mão, no tanque da roupa, porque ainda não havia lá em casa máquinas nem outras mãos para a roupa suja, pensar:

– “por que não andamos todos despidos?! Seria muito mais fácil! E está calor...”!

E depois, as primeiras sensações... e (não) perceber (por)que a “sexualidade” não é, afinal, apenas o sexo, ou o género... aquele órgão central, alinhado com o outro, ali um pouco mais abaixo (Laqueur, 2001; Salles & Ceccarelli, 2010).

E ir percebendo isso ao mesmo tempo que aprendia a linguagem (que é menos palavras do que corpo, ver Cukiert, 2004; Paviani, 2011).

– e o corpo ia-se fazendo –

E eu entranhando também este ilógico absurdo...

A Vida não foi tão simpática comigo como a professora Odete (de Alemão).

Ou talvez até tenha sido. A Vida deixou-me, afinal, resultados bem marcados no meu ego. Não um 17 como nota (porque a Vida tem outras cotações), mas inúmeras sombras e cicatrizes que vou ganhando com a tarimba. E algumas epifanias, como a constatação de que nos está na natureza. É inegável.

O ser humano é comunicador

– sexual –

por natureza. Uns mais,

– mea culpa –

outros menos.

Temos de comunicar.

Nem que seja com um qualquer “Sexta-feira”,

– especialmente nas travessias de desertos interiores (ou em naufrágios!) –

nem que seja com um eu, mais (ou menos) assumido.

Temos de comunicar.

Por Ser racional

– e, sobretudo, social –

que somos, a preferência cai, obviamente, sobre os outros.

Aprendemos a comunicar com o outro sem ter ainda consciência de nós próprios. “Sorrisos” para os que cuidam de nós, (ver Cukiert, 2004; Paviani, 2011)

– deseja-se que sejam os progenitores, mas tantas vezes não! –
sorrisos os primeiros sorrisos, sem emoção...

Suspeito, no entanto, que haja, já, sensação! Há seguramente intensão. E é eficaz, funciona perfeitamente. O cuidador acolhe os sinais todos.

Segundo especialistas, trata-se de um movimento reflexo, uma “ferramenta” natural de sobrevivência.

– “Se eu agrada, saio-me melhor... sobrevivo. Portanto, ‘vamos comunicar!’”.

E, descobriram também os especialistas que começamos logo a ensaiar ainda antes de nascer (Azevedo & Moreira, 2012). No útero, estagiamos os sorrisos, os toques, os trejeitos que nos serão fundamentais para seduzir o outro.

Começamos a comunicar de uma forma tão íntima... tão tudo aquilo que nos tem sido repetidamente reprimido desde que começamos a ter... intenção, emoção, e

– aqui seguramente! Não são precisos estudos para o confirmar –
sensação, conscientemente assumidas.

Nestes tempos *sui generis* que vivemos,

– têm sido todos, sempre. Mas estes são os verdadeiramente globais:

não há, agora, redutos longínquos e inacessíveis das outras “situações” mundiais (de alguns quintais!...) –

agora, em pleno “futuro”, o bicho está a conseguir chegar a todo o lado.

– talvez se escape uma qualquer tribo da já quase extinta Amazónia; ou uma qualquer família “miserável” que viva numa qualquer montanha sem riquezas para sacar; ou um qualquer “louco” que aspire a transcendência... uns “alguéns” que são quaisquer “ninguéns” porque não constam em registos, se é que isso é possível, neste agora! Estes [“felizardos”] talvez se escapem a contágios –

Nestes tempos *sui generis* que vivemos,

– voltando à comunicação e à sexualidade... se é que alguma vez saímos delas!? –

somos bombardeados com imposições

– muitas vezes mascaradas de conselhos –

antinaturais.

Distância. Nada de toque. Morte à intimidade!

Não é isto que a Vida nos pede

– exige! –

desde a concepção!

Mas tem sido exatamente isto que tem vindo a ser praticado desde há milénios a esta parte, nos tais quintais! Os quintais “civilizados”, que têm vindo a infetar... a infetar... até chegarmos a isto!

A ideia é simples:

– e complexa. Como nós, Vida! Toda a Vida. Não só a dos quintais: não só a minha ou a tua, também a desta Mãe Terra, a desta galáxia, a das outras. O Universo! Tão simples assim. Com toda esta complexidade! –

O sexo (ou a sexualidade) faz parte de mim. De ti. Da Mãe Terra.

– que faça parte do Universo, não posso afirmar, mas não parece a teoria do Big Bang uma espécie de orgasmo?! Deu, de resto, nome a uma popular série cómica televisiva⁴, que gira precisamente à volta das relações e da sexualidade –

Faz tanto parte como respirar, comer, beber... o sexo é tão meu como o meu coração, os meus rins, pés, olhos...

⁴ Para uma análise da série televisiva e sua influência na percepção social acerca dos métodos científicos, das mulheres cientistas, assim como das questões de género, sexualidade e identidade masculina conferir Petroski (2018).

Mas para tudo isto há tratados, teses, estudos, dissertações. Falamos abertamente sobre respirar, comer, beber... o coração, os rins, pés, olhos...

Do sexo, não.

Vão dizer-me:

“Ah, mas agora é diferente... até já as criancinhas (ao que isto chegou!), estudam isso

– (a palavra técnica é reprodução... por via do SEXO!... e não só!) –
na escola..”.

– o que, diga-se de passagem, se tornou uma útil-agradável forma de manter o tabu para os educadores (que deveriam ser os pais... mais uma vez, no plano idealista) que deixaram de ter que se preocupar com a fase da história da cegonha e das abelhinhas –

Pois. Mas o SEXO continua a ser TABU.

O SEXO continua a ser escondido, maltratado, violado...

É disso evidente o facto (inegável!) de só já neste milénio... só já no século XXI... ter sido devidamente “visto”... o clitóris!

Sim, o CLITÓRIS! Um órgão tão importante como o nariz, a boca, a bexiga... o coração, os rins, pés, olhos...

Já o Homem

– a “civilização” –

tinha:

pisado a Lua,

– essa entidade tão feminina... mas isso é tema para um qualquer outro artigo –

inventado a bomba atómica,

– essa forma tão eficaz de MATAR a Vida de forma rápida, excruciante e também prolongada... outro artigo! –

tinha feito [pelo menos] duas Guerras Quintais.

– perdão, Mundiais!... –

Mas a real representação do clitóris (só!) agora está a SER realmente descoberta⁵.

⁵ Conferir Stringer & Becker (2010); Mazloomdoost & Pauls (2015); O’Connell et al. (2005).

É verdade. A “coisa” começou a ser sistematizada por Hipócrates (400 a.C.), de uma forma, digamos, lata! Estava ali. Era inegável. E os seus escritos conseguiram chegar até nós.

Mas, O CLITÓRIS.

Especificamente, foi... “descoberto”, já corria o século XVI. E de alguma forma conseguiu não ser abafado, aniquilado. Assim como conseguiu sobreviver a Terra redonda... que começou a deixar (de novo) de ser plana!

Quando deram por “ele”, já os “civilizados” tinham descoberto um (dos) Novo(s) Mundo(s); faziam (ainda) caça às bruxas; e escravizavam e violavam “selvagens” a rodos...

– “E muito bem!... que nem gente eram...com os seus hábitos... selvagens... todos nus... e a fazer... coisas porcas, assim à vista de todos, e... valhanos... credo!”, dir-me-iam alguns. Que fique claro que eu não penso nada disto, mas sei de quem (ainda, infelizmente, isso sim, sinto: infelicidade) assim pense! –

A sua real dimensão (falo ainda o clitóris) foi vista há coisa de 15 anos. É verdade. Só há quinze anos é que a real representação deste órgão feminino começou a ser desvendada. O “boneco” da “coisa”. Assim como o “boneco” do coração e dos rins e do fígado, que todos nós conseguimos visualizar.

E o clitóris?! Essa coisa porca, pecado original! Consegues visualizar?!

– eu ajudo: vai à ligação clitóris e orgasmo feminino (Mdresselhaus, 2017) nas referências!... está lá o “boneco” todo –

Para compor esta ideia que tive,

– de que a comunicação depende da sexualidade ou que somos sexualmente comunicativos –

procurei informação na Internet. Escrevi: “comunicação e sexualidade”. O que surge, na grande maioria, são textos educativos para adolescentes, sobretudo textos escolares

– seja como for, é já bastante positivo –

um ou outro programa televisivo, com uma rubrica a apimentar as audiências

– cheio de risinhos e semblantes carregados de suspeição... ainda assim, também positivo –

um artigo interessante,

– ali entre o técnico-institucional/opinativo-quase-arrojado (Nobre, 2019) com alguma informação interessante –

e, na sequência deste, cheguei a referências mais institucionais, sobretudo da Organização Mundial de Saúde (2006, p. 1), que só já em pleno século XXI tornou público e assumido que a sexualidade é “um aspeto central do ser humano ao longo da vida e inclui sexo, identidades de género e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”, e assumiu que a saúde sexual é “um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado com a sexualidade”.

Grosso modo, é isto. E eu não podia estar mais de acordo!

E descobri, também que a Associação Mundial pela Saúde Sexual (WAS) desenvolveu uma declaração de Direitos Sexuais, em 2014.

E, à medida que fui entrando na descoberta, cheguei aos estudos do clitóris, e a dois vídeos muito interessantes: "Le Clitoris" (uma animação muito bem conseguida, com o “boneco” como personagem principal), e uma exposição da jornalista Peggy Orenstein, no TED (que aborda esta questão da sexualidade e da comunicação, e o drama que a ignorância do tema representa para as jovens norte-americanas).

Enfim!

Nestes meus pensamentos sobre a questão, que me têm vindo a acompanhar no confinamento que vivemos nestes dias *sui generis*, passou-me pela ideia

– que começou, de resto, a fomentar esta minha teoria –

de que se olharmos para nós

– inteiros: com próstatas e clitóris assumidos –

sem filtros, tabus ou preconceitos, vamos ver o peso que esses mesmos filtros, tabus e preconceitos têm na nossa existência. E de como isso nos “abre” ou “fecha” a comunicação.

– isto sem qualquer base científica, porque não consegui encontrar nenhuma tese ou estudo ou escrito de qualquer género específico sobre o assunto, apenas as alusões dispersas que referi. –

Senão vejamos, e de uma forma... simples:

– dentro de toda esta complexidade aqui exposta –

1 – no sentido mais geral: os povos com uma sexualidade culturalmente mais assumida são mais comunicativos, mais... extrovertidos, reivindicativos.

Por oposição, os mais “oprimidos” nesta realidade, são... uma massa muitas vezes inócua e sem grandes “rasgos”;

– salvos algumas exceções que obviamente se destacam, porque (felizmente) de génios e loucos está a humanidade bem fornecida! –

2 – No sentido mais particular: as pessoas com uma sexualidade mais assumida tendem a ser naturalmente mais comunicativas, extrovertidas, reivindicativas, e esclarecidas e interessadas...

Por oposição, as mais...

– só me surge a palavra –

“empoeiradas” (nesta realidade), são...

– e mais uma vez vacilo sobre que palavras (preciosas palavras) usar... e surge-me em língua inglesa (apesar de a nossa língua portuguesa ser riquíssima e ter provavelmente a expressão ideal, mas só me surge) –

... “pain in the arse”!

– e acho mesmo que a expressão cai que nem uma luva neste tema! –

Ainda assim, e por mais simplesmente que queira colocar esta complexa ideia, não posso ignorar as “sombras” que pairam sobre os mais “assumidos”. Lembro apenas o crescimento exponencial da taxa de natalidade nove meses após o carnaval,

– no plano geral –

sem consciência das consequências (das vidas produzidas), tão concentradas que estão no umbigo, em vez da sexualidade!

Ou os excessos pornográficos,

– particulares –

que tanto custam em psicólogos e outros tratamentos de saúde (pública)... ao ego (umbigo) ⁶.

Portanto, e com base nesta simplicidade, acho mesmo que quanto mais abertamente aceitarmos a sexualidade,

– individual, em primeira instância: a tal do clitóris e da próstata; e

⁶ Conferir Ferreira (2013); Diehl, Vieira, Soares (2013); Netto & Cardoso (2013).

depois, conseqüentemente, a geral: a de todos e cada um, do Universo –
mais corretamente conseguimos ver as coisas, e, portanto, compreendê-las,
aceitá-las e comunicá-las.

O salto

– para a comunicação eficaz, para o desenvolvimento –
está na mudança de paradigmas.

Deixar de vestir tanto a culpa instituída, para... simplesmente despir!
Desnudar. Camada a camada. Até ao centro. Ao princípio. Ao útero. Àquele
“lugar” que todos temos, onde nos levam as pequenas

– grandes –
coisas, que

– por vezes, por breves instantes –
conseguimos vislumbrar: aquela tal sensação plena do primeiro beijo,
do nascimento de filhos, de um pôr do sol.

Até ao sexo.

– buraco negro de transporte direto para Luz. Para a clarividência.

Para o Todo.

Que exponencia

– ao invés de condicionar –
a comunicação.

REFERÊNCIAS

Alves, M., et al. (2009), A despenalização do aborto em Portugal – discursos, dinâmicas e acção colectiva: Os referendos de 1998 e 2007. *Oficina do ces*, 320

Azevedo, E. C., & Moreira, M. C. (2012). Psiquismo fetal: um olhar psicanalítico. *Diaphora*, 1(2), pp. 64-69.

Cukiert, M. (2004). Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacanianiana. *Psicologia USP*, 15 (1/2), pp. 225-241. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100022>

Diário da República. (1984). *Lei 6/84 de 11 de maio*. Exclusão de ilicitude em alguns casos de interrupção voluntária da gravidez. I Série-A, n. 109, pp. 1518-1519.

Diário da República. (1997). *Lei n. 90/97 de 30 de Julho*. Altera os prazos de exclusão da ilicitude nos casos de interrupção voluntária da gravidez. I Série-A, n. 174, pp. 3930-3931.

Diário da República. (1999). *Lei 2/99 de 13 de janeiro*. Aprova a Lei de Imprensa. I Série-A, n. 10, pp. 201-208.

Diehl, A., Vieira, D. L., & Suarez, M. C. S. (2013). Compulsão sexual. In: A. Diehl, & D. L. Vieira (Org.). *Sexualidade do prazer ao sofrer*. São Paulo: Roca, pp. 285-292.

Ferreira, C. B. (2013). A emergência da adiccao sexual, suas apropriações e as relações com a produção de campos profissionais. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 14, Dossier n. 2, ago. 2013, pp. 284-318. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200013>

Jornal de Notícias. (2019). *Interrupção voluntária da gravidez está em queda desde 2011*. In: <https://www.jn.pt/nacional/interruptao-voluntaria-da-gravidez-esta-em-queda-desde-2011-11663058.html> 31 de dezembro de 2019. Acesso em: 20 de junho de 2020.

Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Mazloomdoost, D., & Pauls, R. N. (2015). A Comprehensive Review of the Clitoris and Its Role. *Female Sexual Function. Sex. Med. Rev.*, v. 3, pp. 245-263. <https://doi.org/10.1002/smrj.61>

Mdresselhaus. (2017). *Clitóris e orgasmo feminino*. Como a ciência aborda estes assuntos?. <https://cientistasfeministas.wordpress.com/2017/06/26/clitoris-e-orgasmo-feminino/> Acesso em; 20 de junho de 2020.

Ministério da Saúde. (2018). *Relatório dos registos das interrupções da gravidez, 2018*. Direção-Geral da Saúde – Divisão de saúde sexual reprodutiva infantil e juvenil.

Monteiro, R. (2012). A descriminalização do aborto em Portugal: Estado, movimentos de mulheres e partidos políticos. *Análise Social*, 204, XLVII, pp. 586-605.

Netto, N. K. P., & Cardoso, M. R. (2013). Colapso de eros nas adicções sexuais. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 45(1), pp. 383-400.

Nobre, P. (2019). A importância da sexualidade no bem-estar e qualidade de vida. *Público*, 17 de marco de 2019. In: <https://www.publico.pt/2019/03/17/impar/opiniaio/importancia-sexualidade-bemestar-qualidade-vida-1865496> Acesso em: 4 de maio de 2020.

- O'Connell, H. E., Sanjeevan, K. V., & Hutson, J. M. (2005). Anatomy of the Clitoris. *Journal of Urology*, V. 174, pp. 1189-1195. <https://doi.org/10.1097/01.ju.0000173639.38898.cd>
- Paviani, N. M. S. (2011). Corpo, linguagem e educação. *Do Corpo: Ciências e Artes*, v. 1, n. 1, jul./dez, pp. 1-9.
- Petroski, H. (2018). Through the lens of the Big Bang Theory. *American Scientist*, v. 106, n. 2. <https://doi.org/10.1511/2018.106.2.80> Acesso em: 20 de junho de 2020.
- Ruic, G. (2018). Como o aborto é tratado pelo mundo. *Revista Exame online*, 26 de maio de 2018. In: <https://exame.com/mundo/como-o-aborto-e-tratado-pelo-mundo/> Acesso em: 20 de junho de 2020.
- Salles, A. C., & Ceccarelli, P. R. (2010). A invenção da sexualidade. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 32, n. 60, pp. 15-24.
- Stringer, M. D., & Becker, I. (2010). Colombo and the clitoris. *Eur. J. Obstet. Gynecol. Reprod. Biol.*, v. 151, pp. 130-133. <https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2010.04.007>
- World Association for Sexual Health. (2014). *Declaration of sexual rights*. In: <https://worldsexualhealth.net/wp-content/uploads/2013/08/Declaration-of-Sexual-Rights-2014-plain-text.pdf> Acesso em: 4 de maio de 2020.
- World Health Organization. (2006). *Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health*, 28–31 January 2002, Geneva.

Direitos Autorais (c) 2020 Carmen Inácio



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)